



Vista da exposição.  
Fotógrafo: Sérgio Guerini.

## “SACILOTTO CONTEMPORÂNEO: COR, MOVIMENTO E PARTILHA” NO MAC USP. EM OUTRAS INTERPRETAÇÕES E SOB NOVAS LUZES

ANA AVELAR, ABCA/DISTRITO FEDERAL  
RENATA ROCCO,  
ESPECIAL PARA ARTE & CRÍTICA

**RESUMO:** O objetivo do artigo é discutir a produção do artista Luiz Sacilotto, a partir de hipóteses levantadas pela mostra “Sacilotto Contemporâneo: Cor, Movimento e Partilha”, em cartaz entre setembro de 2024 e fevereiro de 2025, no Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo - MAC USP, com curadoria de Ana Avelar e co-curadoria de Renata Rocco. Sacilotto é frequentemente pesquisado pela presença no grupo Ruptura, sendo lido em cotejamento com os demais artistas que integraram o coletivo. Na exposição, procura-se jogar luz sobre aspectos menos conhecidos da produção do artista, a saber: sua produção após 1970, a relação com a Arte-Op e suas ideias acerca dessa tendência como continuidade da arte concreta, bem como a coerência de sua produção em toda a carreira.

**PALAVRAS-CHAVE:** Luiz Sacilotto; Arte-Op; exposição; arte concreta; MAC USP

**ABSTRACT:** The aim of this article is to discuss the work of artist Luiz Sacilotto, based on hypotheses presented in the exhibition “*Sacilotto Contemporâneo: Cor, Movimento e Partilha*” (*Contemporary Sacilotto: Color, Movement, and Sharing*), on view from September 2024 to February 2025 at the Museum of Contemporary Art of the University of São Paulo (MAC USP). The exhibition is curated by Ana Avelar and co-curated by Renata Rocco. Sacilotto is often studied within the context of his participation in the Ruptura group, analyzed in comparison with other artists in the collective. This exhibition seeks to shed light on lesser-known aspects of his oeuvre, namely: his production after 1970, his relationship with Op-Art, and his views on this trend as a continuation of Concrete Art, as well as the coherence of his work throughout his career.

**KEYWORDS:** Luiz Sacilotto; Op-Art; exposição; concrete art; Museum of Contemporary Art of the University of São Paulo

No ano do centenário de nascimento do artista santo-andreense Luiz Sacilotto, apresentamos a exposição “Sacilotto Contemporâneo: Cor, Movimento e Partilha” no Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo - MAC USP. A mostra privilegia a produção contemporânea do artista, particularmente lançando luz sobre trabalhos desenvolvidos entre a década de 1970 (Fig. 1) e o final da sua vida, em 2003. Esse recorte contava com textos de época que acompanharam exposições, mas poucos aspectos foram analisados sobre essa produção, constituindo uma lacuna da historiografia local sobre o artista.

Intrigava-nos o artista contemporâneo que Sacilotto tornou-se após 1974, retornando de um período de afastamento do cenário artístico por uma década em função do regime militar - quando dedicou-se à serralheria comercial, prática paralela à artística com a qual manteve sua família durante anos. Não nos esqueçamos que, para além dessas duas atividades, o artista trabalhou como desenhista de arquitetura e

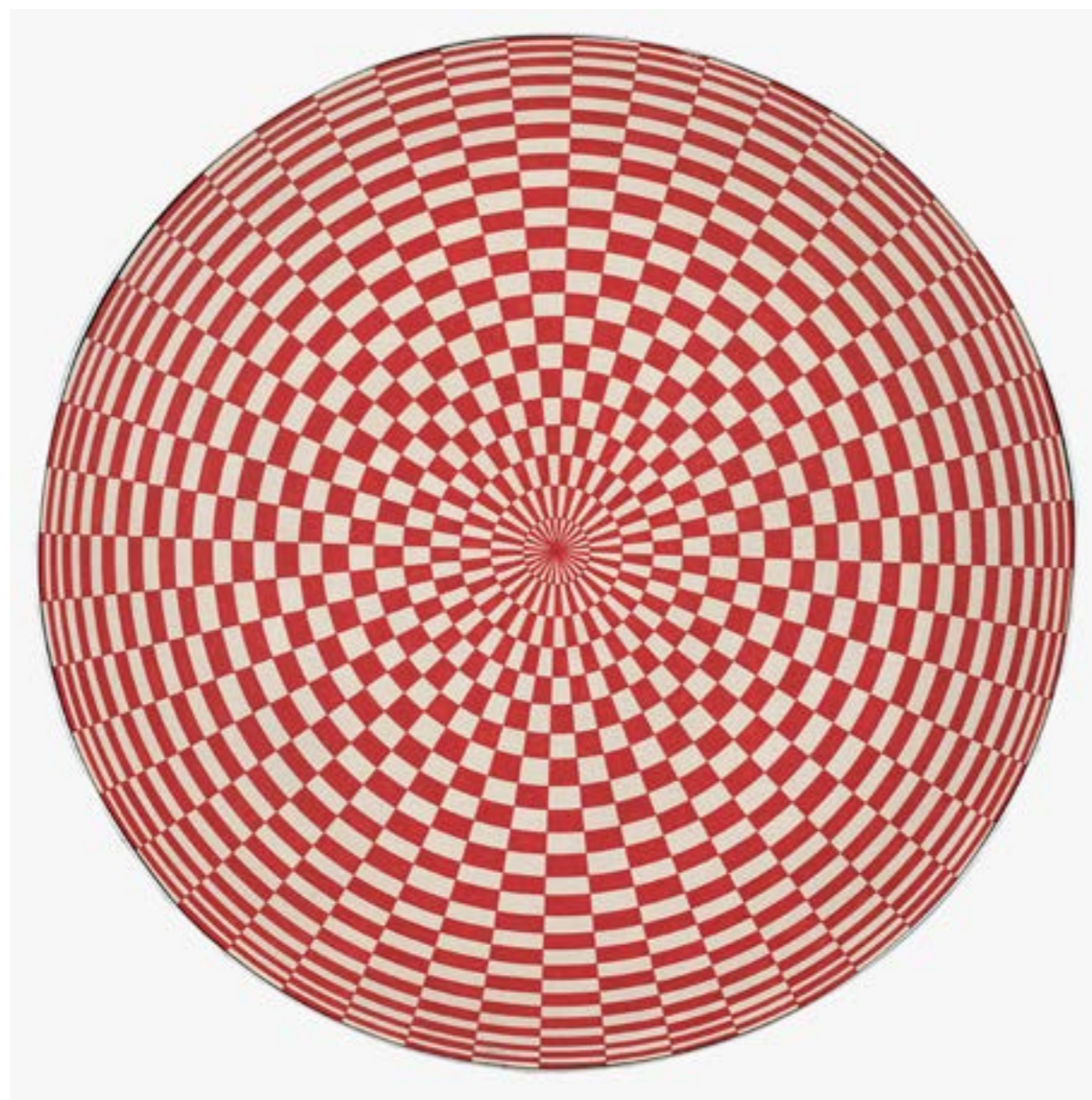


Figura 1 - Luiz Sacilotto, *Concreção 8197*, 1981, têmpera sobre tela colado em madeira Ø 49 cm. Coleção Particular.

como assistente de cenografia na Companhia Cinematográfica Vera Cruz, o que demonstra seu trânsito por outros campos, incluindo aquele das artes aplicadas.

Ao retomar sua produção artística em meados da década de 1970, Sacilotto mergulha na experimentação ótico-cinética aliada à exploração da cor. Pesquisou movimento e cor por meio de procedimentos investigativos minuciosos, num ateliê que reunia instrumentos de desenho técnico, pigmentos, marcenaria, uma biblioteca de várias áreas - desde matemática, geometria, psicologia, fenomenologia até música e história da arte - e em várias línguas, como francês, inglês, espanhol e italiano.

Sacilotto teve formação técnico-artística na Escola Masculina do Brás em São Paulo, entre 1938 e 1943, onde difundia-se a noção de “artes industriais” para definir os saberes da marcenaria, serralheria, pintura, mecânica, entre outras especialidades. A disciplina de desenho era central nos cursos porque habilitava estudantes para executarem projetos

diante da transformação industrial que a cidade vivia.

Inicialmente, sua produção imagética alinhou-se com a pintura santa-helenista paulista, afastada dos padrões visuais acadêmicos, porém apoiada nos tradicionais gêneros do retrato, da paisagem e da natureza-morta.

Devido ao serviço militar prestado na capital carioca, em 1945, Sacilotto toma contato com as tendências expressionistas e realistas sociais que viriam a pautar jovens artistas no país. Comentadores indicam a sintonia da escolha pela linguagem expressionista com a tragédia decorrente da Segunda Guerra Mundial, gerando uma profunda indignação perante a injustiça social do cenário, semelhante àquele vivido há pouco por ocasião do conflito anterior<sup>1</sup>. O foco expressionista na subjetividade do indivíduo colocava o artista como filtro dos acontecimentos. Assim, os expressionismos, que tiveram longa duração no século XX, tornavam-se referências da vanguarda europeia em termos de uma linguagem

adequada para tratar de assuntos que concerniam ao drama humano, tendo constituído assunto de grande interesse para artistas em vários países da América Latina no período. Nesse âmbito, Sacilotto integra duas mostras que geraram intensa controvérsia, por parte da crítica de arte, relacionada à deformação expressiva que apresentavam as obras *Quatro Novíssimos*, em 1946, no Rio de Janeiro, e *19 Pintores*, em 1947, em São Paulo.

Na virada dos anos 1940 para 1950, Sacilotto passa a pesquisar possibilidades cubistas e abstratas por meio da pintura, revelando aí seu entusiasmo com a investigação cromática. São obras nas quais desdobram-se figuras humanas ou formas geométricas preenchidas por cores diversas; por vezes, ganhando contornos de forte afirmação gráfica por meio de linhas pretas - como em suas monotípias sobre papel intituladas *Construção*, 1947 (acervo da família Sacilotto) --, por vezes, explorando a divisão cromática dentro de áreas selecionadas - como em *Composição*, 1948 (acervo MAM SP) e *Composição*,

1949 (acervo da família Sacilotto), estratégias que reapareceriam em obras contemporâneas.

O procedimento cubista de desdobramento das formas e revelação de suas diversas faces foi explorado por diversos e diversas artistas no fim da década de 1940, no Brasil, que, mais tarde, enveredaram para as abstrações sejam geométricas, sejam gestuais<sup>2</sup>. Sacilotto identifica-se com a arte abstrato-concreta, entendendo-a como poética matriz de seu trabalho ao longo de sua vida. Integrante do histórico grupo Ruptura (1952), não por acaso ainda hoje sua produção é lida na chave das exposições e bases teóricas do grupo, tendo ganho a alcunha de “viga-mestra” do movimento por parte de Waldemar Cordeiro, em 1968, enquanto o artista fazia uma pausa em sua produção. O texto de Cordeiro é publicado por ocasião da Sala Especial no 1º Salão de Arte Contemporânea de Santo André, que homenageava Sacilotto, com cerca de 30 obras. Era um momento de reflexão sobre as abstrações e seus legados, enquanto

novas experimentações ocorriam no âmbito do concretismo, incluindo-se aí a produção do próprio Cordeiro.

## SACILOTTO OPTICAL

Nossa mostra destaca as criações vibracionais e cromáticas que Sacilotto realizou depois de uma década sem pintar. Os anos de 1965 a 1974 são de acompanhamento das cenas artísticas nacional e internacional, quando Sacilotto manteve-se a par dos debates em sintonia com aquilo que acreditava ser os desdobramentos da arte concreta<sup>3</sup>.

Enquanto mantinha seu trabalho como serralheiro em Santo André, Sacilotto instruiu-se autodidaticamente quanto às teorias da Gestalt, da fenomenologia, da matemática e da geometria. Com esse arcabouço, atualizou e ressignificou seu trabalho, desenvolvendo aquilo que entendia como uma continuidade lógica de sua produção concreta: a criação de obras abstrato-geométricas dotadas de movimentos, impulsionadas pela arte ótica e cinética.

Instrumentalizado, Sacilotto realizou então obras sintonizadas com o

que se desenvolvia internacionalmente a partir de meados da década de 1960 - algo visto nas Bienais de São Paulo, como trabalhos do argentino Julio Le Parc e do venezuelano Jesús-Rafael Soto. Segundo Maria de Fatima Morethy Couto, houve significativos prêmios nas Bienais de Veneza e São Paulo e nas Bienais de Jovens de Paris para artistas associados ao movimento cinético, algo que teria impactado significativamente o ambiente artístico brasileiro<sup>4</sup>.

É notável o episódio da criação da Associação de Artes Visuais Novas Tendências que se inicia, em 1963, por esforço de um grupo de artistas anteriormente envolvidos com o concretismo e outras pesquisas abstratas, sobretudo geométricas - Hermelindo Fiaminghi, Judith Lauand, Lothar Charoux, Maurício Nogueira Lima e Waldemar Cordeiro, além de Volpi, Sacilotto, entre outras e outros.

No manifesto, declaram: “NT pretende outrossim oferecer ao público a informação adequada e qualificada nacional e internacional de ideias que tenham relação com as novas

tendências da arte de vanguarda”. Como esclarece Mattar: “Essas novas tendências se referiam especialmente aos grupos internacionais, então chamados de cinéticos. Oriundos da experiência concretista, tinham como ponto de partida o rigor geométrico, mas propunham o dinamismo, o uso de novos materiais, o fim da obra de arte única e a integração do espectador”<sup>5</sup>. Artistas envolvidos na Associação Novas Tendências estavam sintonizados com iniciativas de cinéticos internacionais, como aqueles estabelecidos na Itália, França, Alemanha e Croácia.

Alguns elementos priorizados pela Arte-Op e pelo cinetismo já estavam presentes em obras anteriores dos anos 1920, de artistas como Naum Gabo e Anton Pevsner, e ainda de Marcel Duchamp, quando, em 1926, criou o *Cinema Anêmico*, um filme experimental de sete minutos no qual aparecem os *Rotoreliefs* - um conjunto de seis discos de papelão com círculos pintados que devem ser girados em uma plataforma a 40-60 rpm. No filme também aparecem jogos

de palavras que sugerem conteúdos eróticos ou escatológicos.

Como se sabe, a exposição “Le Mouvement”, organizada em 1955 pela pioneira Galeria Denise René - que havia feito a mostra inaugural da galeria com o húngaro Victor Vasarely, nome incontornável da Arte-Op - foi responsável por dar o pontapé inicial ao que viria a constituir essas tendências mais tarde referidas como Arte-Op e arte cinética. A exposição reunia obras do estadunidense Alexander Calder, do argentino Soto, do suíço Jean Tinguely e do próprio Vasarely, entre outros. Porém, seria a exposição “The Responsive Eye”, em 1965, organizada pelo Museu de Arte Moderna de Nova York - MOMA, que ampliaria o alcance dessas produções, com direito a documentário realizado por Brian de Palma<sup>6</sup>.

Localmente, a exposição “Projeto Construtivo Brasileiro na Arte: 1950-1962”, realizada no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro e na Pinacoteca do Estado de São Paulo, em 1977, incentivou uma retomada das visualidades abstrato-geométricas

e desdobramentos da arte concreta. Revisando essas produções anteriores e reafirmando sua importância para a história da arte brasileira, a mostra estimulou artistas que haviam vivido as experiências geométrico-abstratas a retomarem suas pesquisas. Muitos deles e delas, agora, adotavam uma chave contemporânea absorvendo o aspecto do movimento que a Arte-Op e a arte cinética promoviam, particularmente como maneira de pensar a participação dos públicos ao deslocarem-se diante das obras para que os efeitos visuais acontecessem<sup>7</sup>.

## SÉRIES, CORES, VISUALIDADES

As séries de Sacilotto produzidas a partir de meados dos anos 1970 foram nomeadas de giros, torções, tensões e progressões. São obras milimetricamente calculadas e executadas, como é possível verificar nos estudos presentes na mostra (Fig. 2). Lembrando a máxima concretista de que as obras se apresentam e não representam, os públicos são convidados a se deslocarem diante das imagens, uma vez que estas oferecem

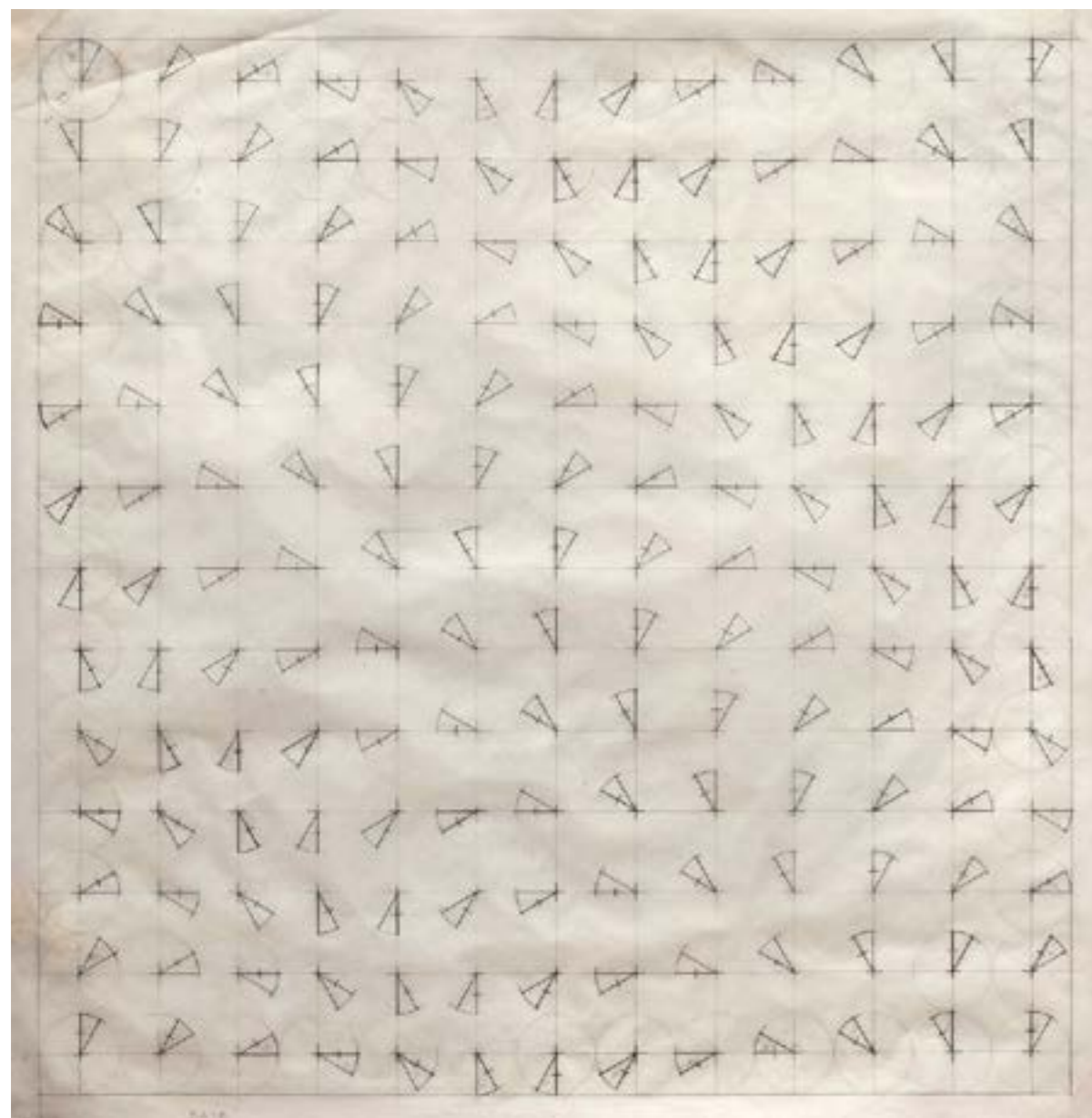


Figura 2 - Luiz Sacilotto, *Estudo*, déc. de 1970, grafite sobre papel vegetal, 73,5 x 73,3 cm. Coleção Particular.

visualidades vibracionais. Tais efeitos são potencializados pelas cores que Sacilotto reintroduz às primárias, empregadas pela maioria dos artistas concretistas brasileiros durante os anos 1950<sup>8</sup>.

A partir dos anos 1970 em diante, o artista trabalha com enormes gamas cromáticas de tonalidades cuidadosamente testadas, estudadas e aplicadas por meio de processos controlados com pequenas variações em séries. Na exposição, a solução expográfica foi separar essas séries em cores quentes e frias, que dividem o espaço da mostra sugerindo percursos cromático-sensíveis (Fig. 3 e Fig. 4).

Desde a formação como artista-artesão e operário, característica da geração de descendentes de imigrantes na situação geográfico-política paulista, até sua morte, Sacilotto desenvolveu uma pesquisa que carrega traços unificadores: a investigação da cor e o geometrismo das composições, aliando o movimento em seus anos mais tardios. Assim, pinturas monumentais - como os painéis para o SESC (Fig. 5 e Fig. 6) e o Sabina em Santo André



Figura 3 - Vista da exposição. Fotografia: Sérgio Guerini.



Figura 4 - Vista da exposição. Fotografia: Sérgio Guerini.



Fig. 05- Vista do Painel feito por Luiz Sacilotto para o Sesc Santo André: *C 0152*, 2001 acrílica sobre parede de argamassa, 1010,00 x 230,00 cm. Fotografia: Sérgio Guerini.

--, serigrafias e esculturas urbanas produzidas nas últimas décadas de sua vida apontam para um Sacilotto que revê sua produção, logrando partilhá-la com públicos mais amplos para, assim, defender o que acreditava ser o poder transformador da arte.

“É uma das minhas criações mais importantes [obra para o SESC]. Fica num recinto que será propriedade do povo e que receberá a todos. É uma obra para ser vista. Não é como se estivesse em um museu, onde nem todo mundo tem acesso. Crio com a intenção de democratizar a arte. Não faço para mim, faço para todos entenderem e gostarem”<sup>9</sup>.

Dessa maneira, ele atribui à arte concreta um sentido alargado, quase como se constituísse um alfabeto que pudesse ser compartilhado pedagogicamente.

Diante da lógica da obra de Sacilotto, como mencionado, a expografia da exposição estabeleceu-se pela aproximação de cores, composições e tempos diversos. Na altura do olhar estão as obras

Figura 6 - Vista do Painel feito por Luiz Sacilotto para o Sesc Santo André: *C 0153*, 2001 acrílica sobre parede de argamassa, 1010,00 x 460,00 cm. Fotógrafo: Sérgio Guerini.



contemporâneas e alguns estudos; acima delas, nos cantos superiores das paredes, estão pinturas anteriores como se gravitasse sobre as outras, indicando formas e soluções cromáticas que o artista pesquisava desde o princípio de sua carreira.

Segundo a curadora Denise Mattar, “Sacilotto sempre se interessou pelo embasamento teórico para criar seu trabalho, e, nessa época, copiava à mão cuidadosamente extratos de textos teóricos de Kandinsky, Vantongerloo e Apollinaire nas versões em italiano, como podemos ver nos cadernos, mistos de diário, que o artista conservou por toda a sua vida.”<sup>10</sup>

Na exposição no MAC USP, as vitrines trazem alguns desses materiais: diários de viagens, fichamentos de livros teóricos, glossário de termos artísticos e de elaboração de pigmentos e estudos de cor. São itens que nos conduzem à formação do pensamento do artista e ao desenvolvimento de suas habilidades, desdobradas em suas variadas produções em termos de suporte e materiais: do desenho à pintura, da escultura às obras

de grandes dimensões. A linguagem visual empregada, a partir dos anos 1950, será sempre abstrata, porque Sacilotto acreditava e proferia que a arte concreta havia promovido uma revolução visual de dimensões análogas àquela do Renascimento. Nesse sentido, podemos pensar o artista precisamente como um “homem da Renascença” contemporâneo, uma vez que conjugou, em pleno século XX, saberes diversos. Como artista, artesão, operário, químico, matemático, engenheiro, estudioso, dominava os conhecimentos que acreditava necessários para seu trabalho, sem separação entre aquilo que compreendia a técnica pictórica e aquilo que constituía a teoria, fosse sob o signo da ciência ou da história da arte.

Assim, a exposição “Sacilotto Contemporâneo” se propôs a trazer perspectivas sobre o artista para além de sua participação junto ao grupo Ruptura, valorizando desde as primeiras experiências compreendidas localmente como expressionistas, cubistas e abstrato-geométricas, nos anos 1940, até aquelas realizadas nos

últimos decênios de sua produção, em plenos anos 2000. A coerência das obras que atravessam tempos, em termos conceituais, formais e cromáticos, é evidenciada por meio da expografia que, pensada a partir da série de giros do artista, com variações angulares, revela diferentes vistas dependendo de onde se encontram observador e observadora.

Às vistas somam-se as informações trazidas nas vitrines e mesmo no vídeo *Sacilotto: Expoente do Concretismo*, de 1995, em que o artista fornece um precioso depoimento sobre o seu fazer artístico e sobre sua trajetória. Nas palavras de Sacilotto gravadas durante a entrevista: “Não dá para querer ser artista moderno se você só sabe o efeito, precisa saber qual é a causa. Quando vai fazer alguma coisa, você precisa saber o que vai fazer amanhã. Precisamos fazer arte permanente. Você precisa ter coerência.”<sup>11</sup>

Essa coerência, esse pensar o futuro conhecendo o passado, são norteadores para o artista do início ao fim de sua produção. Com a mostra “Sacilotto Contemporâneo”, visamos

demonstrar essa coerência, levando as produções de diferentes momentos do artista a conviverem numa expografia não linear e plena de diagonais com vistas que se cruzam e justapõem, nas quais é possível perceber cores, geometrias e conceitos que se repetem (Fig. 7), ao mesmo tempo em que também se nota como a produção do artista caminha junto à história da arte, do moderno ao contemporâneo, permanecendo atual.



Fig. 07 - Luiz Sacilotto, *C 8693*, 1986, têmpera vinílica sobre tela, 100 x 100 cm. Coleção Particular.

## NOTAS

1 Sobre o assunto, ver: AMARAL, Aracy. *Arte pra quê? A preocupação social na arte brasileira 1930-1970*. São Paulo: Nobel, 1987.

2 Como Maria Leontina, Danilo Di Prete, Samson Flexor, Yolanda Mohalyi, Milton Dacosta, para citar apenas alguns.

3 Naquela época, fazer arte engajada assumiu ares de imposição. Sacilotto, que sempre se posicionou a favor da esquerda, fez uma tentativa de se adaptar à nova visão artística que surgia realizando alguns objetos, dois deles apresentados na oitava Bienal de São Paulo, em 1965. São obras em que o artista se vale de materiais prontos, fabricados pela indústria, e os ressignifica, deixando de lado aquela construção “limpa, clara e objetiva” característica sua, que tanto o fascinava e com a qual havia trabalhado até então. Fala por si o fato de o artista ter destruído algumas dessas obras, com medo de sofrer retaliação.

4 “Destaquemos, desde já, a conquista do Grande Prêmio na Bienal de Veneza de

1966 pelo argentino Julio Le Parc, por tratar-se de façanha inédita para um artista sul-americano, e a atribuição dos prêmios de melhor pintura e escultura da edição seguinte da mesma Bienal a dois artistas comprometidos com o ideário da *Op-Art* e da arte cinética, respectivamente: a inglesa Bridget Riley e o húngaro, radicado na França, Nicolas Schöffer” (Maria de Fátima Morethy Couto, “O material (des)encarnado: a recepção à arte cinética na Europa e na América do Sul dos anos 1960”, *Anais do XXXVII Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte: História da Arte em Transe*, Salvador-BA, 8-12 de outubro de 2017, p. 298).

5 Luiz Sacilotto. Organização Denise Mattar; Gabriel Pérez-Barreiro. São Paulo: Almeida e Dale Galeria e Cosac Naify, 2021, p. 14.

6 *The Responsive Eye*. A Brian de Palma short film. The Brian de Palma Archives. Disponível no link: <https://www.youtube.com/watch?v=yTo8Z59Idr0>. Acesso: 18 nov. 2024.

7 “Tal mostra promoveu uma reviravolta no cenário artístico

brasileiro, que nos últimos anos não mais havia dado atenção ou valor ao concretismo. Adotou-se a expressão ‘projeto construtivo brasileiro’, que fora sugerida pelo crítico Ronaldo Brito à curadora Aracy Amaral, e que engloba tanto o concretismo como o neoconcretismo.” (SANDES, Luis. *Pós-Concretismo, o Concretismo paulista depois de 1960*. XIII Encontro de História da Arte I Arte em Confronto: Embates no Campo da História da Arte, 2018, p. 593).

8 Ele demonstra enorme conhecimento cromático desde o começo da produção em telas expressionistas, cubistas e abstrato-geométricas.

9 Depoimento sobre painel SESC. Veja-se: FIORAVANTE, Everaldo. “Sacilotto aprova painel no Sesc Santo André”. *Diário do Grande ABC*, Santo André, 30 jan. 2002. Cultura & Lazer, p. 6.

10 Luiz Sacilotto. Organização Denise Mattar; Gabriel Pérez-Barreiro. São Paulo: Almeida e Dale Galeria e Cosac Naify, 2021, p. 13.

11 Vídeo *Sacilotto: Expoente do Concretismo*. JODAF, Logos Engenharia, 1995.

### ANA AVELAR

Professora de Teoria, Crítica e História da Arte da Universidade de Brasília (UnB) e coordenadora do Programa de Intervenções de Arte Contemporânea do Museu da Inconfidência. Realizou exposições no Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC USP), Centro Cultural Banco do Brasil de Belo Horizonte (CCBB-BH), Farol Santander São Paulo e SESC Pompeia. Conselheira do Prêmio Pipa. Participa de júris de prêmios nacionais, como o Marcantonio Vilaça - do qual foi finalista em 2017 -, Select Arte e Educação, Rumos Itaú Cultural, além do Jabuti em 2019. Ganhadora do programa Intercâmbio de Curadores da Associação Brasileira de Arte Contemporânea (ABACT) em parceria com o Getty Research Institute. É membro do Conselho Internacional de Museus - ICOM.

### RENATA ROCCO

Pós-doutorado concluído em 2023 no Projeto Temático Coletar, Identificar, Processar, Difundir (MAC USP) com bolsa FAPESP. Doutorado concluído em 2018 pelo Programa de Pós-Graduação Interunidades em Estética e História da Arte da Universidade de São Paulo (USP) com bolsa FAPESP. Mestrado concluído em 2013 pelo mesmo programa com bolsa CAPES. Possui pós-graduação lato sensu em Administração e Marketing pela Fundação Armando Álvares Penteado (FAAP) em São Paulo, e graduação em Comunicação Social pela mesma Instituição. Foi professora da disciplina de graduação no MAC USP “Arte do Século XX no acervo do MAC USP” pelo período de 12 meses, por meio do edital PART (jul./2021-jul./2022). Foi diretora de Pesquisa na Coleção Ivani e Jorge Yunes. Desde março de 2024 trabalha no Acervo Artístico dos Palácios do Governo.